

## **A importância da cultura grega na construção dos vínculos**

**Antonios Terzis<sup>1</sup>**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Neste trabalho desenvolvemos o tema "A Importância da Cultura Grega na Construção dos Vínculos", visando mostrar a utilidade da cultura grega para a configuração do mundo moderno.

Os recentes e rápidos avanços da ciência e da tecnologia revolucionaram nossos conceitos de indivíduo e sociedade. As áreas das Comunicações, da Indústria, da Informática, da Educação, da Medicina e da Psicologia revolucionaram a qualidade dos vínculos que construímos. Defrontamo-nos, no final do século XX, com um momento que aponta, inevitavelmente, para a necessidade de recordação e de uma reavaliação do passado, reavaliação esta que deve se pautar em um processo contínuo. Antes de nos prepararmos para o futuro devemos compreender as influências do passado em nossa situação atual.

Em 1996, estávamos em Delfos, na Grécia, para apresentar um trabalho científico no IV Congresso Internacional de Psicanálise quando sentimo-nos fascinados pelas idéias da continuidade da história, ou seja, pelo fato da repetição de determinados atos fundamentais do destino humano. A emoção que experimentamos nesse local foi quase indescritível. Na entrada do grande Templo do oráculo de Apoio estava o mais famoso dos provérbios délficos: "ΓΝΩΘΙΣΕ ΑΥΤΟΝ", isto é, "Conhece-te a ti próprio" (European Cultural Center Of Delfi, 1978)

Na Grécia antiga, no século V aC., Sócrates era considerado o homem mais sensato do mundo pelo oráculo. Este filósofo teria, provavelmente, interpretado a expressão acima referida como "A vida não examinada não merece ser vivida". Na época de Freud o enunciado "Conhece-te a ti próprio" significava, em primeiro lugar, a procura introspectiva do Eu real, a busca das nossas motivações emocionais. No final do nosso século, na "era pós-moderna", passou a exprimir também o seguinte pensamento: "Sabe de onde vens, uma vez que o passado não pode ser destruído e deve ser conhecido". Assim como Freud (1909) disse que a infância deve ser estudada para que seja possível compreender o adulto, devemos também olhar para a infância da humanidade.

Esta antiga matriz original da referida mensagem grega tem tido diferentes significados em épocas diversas, ou seja, as muitas interpretações a ela atribuídas têm sido coerentes com os

---

<sup>1</sup> Professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Campinas e SPAG-Camp.

Endereço para correspondência: Departamento de Pós- Graduação em Psicologia Clínica, Rua Waldemar Cesar da Silveira, 105, Swift, CEP 13045-270. Campinas. SP.

distintos tempos e lugares. Se o passado, porém, tem sido sentido de um modo tão próximo, então por que não investigar a relevância contemporânea da Cultura Grega Clássica que tem influenciado de forma tão intensa a história da humanidade?

Sabemos que ao longo dos séculos, muitos pensadores voltaram-se para a Grécia . Não foi apenas devido ao seu interesse por essa região, mas por causa dos diversos modos como interpretaram sua influência através da história da sociedade ocidental (Constantine, 1984). Num certo sentido a Grécia é o lar original de todos os filhos da civilização moderna. Ir à Grécia é ir à nossa origem, é descobrir os arquétipos da nossa mente e da nossa cultura. O próprio Freud estava fascinado por muitos aspectos da cultura grega como, por exemplo, o "amor platônico" e a "cartase", muito antes de descobrir o "Complexo de Édipo". Em 1897 escreveu: "o poder dominador de Édipo torna-se inteligível... cada membro da audiência era um Édipo em germinação na fantasia". Então, na sua primeira grande obra publicada, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), cita, como prova virtual, a passagem de Sófocles em que a mãe Jocasta tranqüiliza Édipo: "Quanto ao casamento com tua mãe, nada temas, muitos homens antes de ti partilharam em sonhos a cama de sua mãe".

Neste século, Édipo tem sido, talvez, o mais estudado e referido de todos os mitos gregos, tendo lugar privilegiado na Psicologia. Isto se deve, em larga medida, à focalização feita por Freud, mas tem havido outras interpretações muito diferentes do mito e da peça de Sófocles, que também refletem, de forma plausível, algumas preocupações contemporâneas.

Alguns descobriram o poder do mito no seu sentido do destino e das forças que trazem os acontecimentos à sua conclusão predestinada. Outros, como Bernard Knox, viram o mito na peça como o resumo da urgência e até mesmo da necessidade do homem em continuar sua busca, quaisquer que sejam as conseqüências (Tablin, 1989). Assim, Édipo, apesar de tudo, avança na busca de sua própria identidade. Vernant (1982) vê a movimentação de Édipo na peça de Sófocles, indo dos extremos da fortuna, do poder e da prosperidade aos seus opostos, como que refletindo a estrutura mais profunda do ritual do bode expiatório, que é afastado da cidade, levando com ele as pragas e os males do mundo.

Desde então o mito grego tem obtido um lugar privilegiado na Psicologia. Os mitos possibilitam-nos uma visão de nossa Psicologia através de lugares e de pessoas imaginárias. Freud (1900) considerou os mitos, tal como os sonhos, expressões codificadas do inconsciente; no entanto, ao contrário dos sonhos, são partilhados em público. Se puderem ser compreendidos, temos acesso à mente humana, e isto constituiria a chave para a saúde mental. Os mitos configuram-se como uma pista para nossa própria história psíquica. Freud também invocou o mito de Electra, que amava tanto seu pai e que por isso matou sua mãe; e o de Narciso, que gostava tanto de si próprio que desprezou a vida social. O psiquiatra argentino Emílio Galante (1992) fala da história que nos representa dia-a-dia desde o "Mito de Narciso". Narra que Eco era uma linda jovem, criada e ensinada pelos deuses, hábil na arte da música, ensinada pelas ninfas do Olimpo. Todos gostavam dela, que tinha rejeitado o amor dos homens e até o amor de todos os deuses.

Numa manhã, contudo, encontrou Narciso, filho de Cífiso e Liriopea, cuja beleza era desejável por todos os seres. Eros, o pequeno demônio, instalou-se em Eco, outorgando-lhe um dos maiores amores por Narciso, de quem enamorou-se. Contam as lendas que Narciso não escutou os reiterados pedidos de amor de Eco que, resignada e com muita dor, foi procurar a antiga solidão que lhe era familiar, refugiando-se nos altos das montanhas onde permaneceu, e ainda hoje podemos escutar seus chamados de amor. Naqueles dias também Narciso escutou a voz de Eco chamando-o uma e outra vez, repetidamente, mas pensou que era sua própria voz, e por isso buscou a si mesmo até achar sua própria imagem no reflexo da água de uma fonte. O fim desta história é por demais conhecido: Narciso, com paixão, desejou tomar aquela imagem tão procurada nos seus próprios braços e afogou-se na água da fonte.

Temos aqui duas histórias diferentes dois mitos antigos que se reproduzem e se encontram nas representações atuais, assim como em suas origens. Claude Levi Strauss (1985), ao compreender as investigações mitológicas, ressaltou a importância do mito percebido como acontecimento inerente a um tempo passado, mas que se mantém sempre presente. Nesta medida julgamos valioso o trabalho de analisar os acontecimentos atuais no âmbito dos mitos.

Essa volta ao passado é uma necessidade dos estudiosos, uma vez que temos na sociedade uma tendência a abolir o passado e a privilegiar o futuro. Não é nossa intenção fazer uma apologia do passado, porque sabemos que essa se constitui uma idealização muito comum. Quando, porém, achamos nos mitos antigos os caminhos para as explicações dos nossos problemas atuais e temos as imagens das estruturas psíquicas imutáveis reeditadas entre nós no decorrer de nossa história, a volta aos clássicos configura-se como um caminho interessante.

Jaeger (1986), o maior helenista do século, acredita que o fenômeno ao qual anteriormente nos referimos justifica a constante volta à Grécia. O fundamento do nosso regresso reside nas nossas próprias necessidades vitais, por mais variadas que sejam através dos tempos. O autor citado valoriza a história e o retorno aos mesmos questionamentos e paradigmas do passado, a partir das necessidades e conflitos atuais. Os mitos gregos são então revisados, relidos ou renovados por meio do retorno aos seus ensinamentos. É com base nos significados, atribuídos em cada momento, que se organizam os elementos históricos.

### **Na atualidade**

Pela análise das situações grupais, a Psicologia Social tem destacado que o isolamento é uma das tendências do pós-modernismo, fato que produz uma crescente desvalorização da experiência no sentido coletivo. As representações sociais referenciadas pela chegada da televisão há 40 anos acarretaram mudanças sociais significativas como as produzidas atualmente pela informática. O indivíduo precisa sair do lar cada vez menos para envolver-se no trabalho ou na diversão, pois as mais variadas experiências chegam a ele por uma rede social virtual. O sujeito afastou-se dos contatos humanos, cada vez mais, concentrou-se em si mesmo, diminuiu os encontros sociais que tinham a função de estruturá-lo como tal. Sem a experiência social o sujeito

corta, progressivamente, os laços de identificação com o outro.

Podemos observar nas atuais mudanças que o que tem se produzido é uma fixação no momento do **ser** com uma valorização excessiva da experiência do **ter**, sem passar pela necessidade do intercâmbio com seus semelhantes. O afastamento do homem, que raramente aceita ser solitário, associa-se ao abuso no consumo de drogas geralmente legais e justificadas em um nível hipocondríaco. Os cuidados estético-cirúrgicos também agridem a própria imagem da pessoa, que busca uma saída narcisista para seus conflitos como as operações plásticas, as ginásticas e as dietas.

Em seu aspecto relacional, o indivíduo de hoje é desconfiado de seus semelhantes, teme perder o que tem, é agressivo, e sente, às vezes, a tristeza causada pela ligação social que perdeu. Estas características psicológicas podem ser observadas regularmente, na clínica.

Este narcisismo social, que se desvela no ato do consumo, mostra-se na relação entre as pessoas. E sem ter a presença do semelhante, como acontece na história mítica acima relatada, o indivíduo não encontra uma diferença que possibilite o surgimento do desejo. O que deveria ter sido uma situação dialética entre dois termos, o ter e o ser, no sentido de se abrir um ao outro, ou seja, numa posição dialética auxiliada pelo deus do amor.

Temos trabalhado como terapeutas considerando a oposição que Freud fez entre os *atos sociais* e os *atos psíquicos narcisistas*. Buscamos realizar os primeiros, que nos favorecem, por meio de uma metodologia analítica de subjetivação, revalorizando os vínculos e projetos que surgem a partir de uma ligação com Eros. Freud (1930) ressalta em sua obra "O Mal-Estar na Civilização" que o futuro da humanidade dependerá de como os homens enfrentarão as perturbações coletivas advindas do instinto de morte, denunciado pelo desligamento do semelhante e pela destruição de si mesmo.

É este um tema que volta ao nosso pensamento quando, na clínica, nas instituições, ou mesmo no meio das massas humanas, percebemos que a sociedade aceita e possibilita a proliferação de mecanismos esquizóides, de divisão, de desligamento. É um mal-estar que, muitas vezes, pode gerar dúvidas sobre qual é o nosso objetivo como terapeutas, como pessoas comprometidas com a situação social e com a vida. Mas nosso trabalho é instaurar os vínculos de Eros sobre a destruição, sobre o narcisismo primário e sobre as formas diversas de afastamento humano, para então podermos atuar de forma eficaz contra a angústia e a infelicidade de nossos pacientes, para que sejam eles os sujeitos da procura de vínculos, da ligação com o social e com a produção da cultura. Como humanos escutamos a voz de Eco e pensamos que é a nossa voz. Ninguém fica longe de seu ideal do eu, mas devemos a Eros a paixão, o desejo, nosso movimento e nossa criação e devemos trabalhar pela continuidade da nossa cultura.

## Referências

- Constantine, D.(1984). *Early Greek Travellers and the Hellenic Ideal*. Cambridge: CUP.
- European Cultural Center of Delfi.( 1987).*International Meeting of Ancient Greek Drama*. Atenas: ECCD.
- Freud, S. (1969)."Romances Familiares" In: *Obras Psicológicas Completas de Freud*, IX, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969)."A Interpretação dos Sonhos". In: *Obras Psicológicas Completas de Freud*, IV, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S.(1969). "O Futuro de uma Ilusão" e "O Mal-Estar na Civilização". In: *Obras Psicológicas Completas de Freud*, XXI, Rio de Janeiro: Imago.
- Galende, E. (1992). *Historia e Repetición*. Buenos Aires: Paidós.
- Levi-Strauss. (1985). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- JAEGER, W. (1986). *Paideia. A formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tablin, O. (1989). *Fogo Grego*. São Paulo: Gradiva.
- Vernant, P. (1982). *Myth and Society in Ancient Greece*, trad. J. Londres: